

RECENSÃO

TAVARES, Sinivaldo Silva. *Trindade e criação*. Petrópolis: Vozes, 2007. 279p.

Professor do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, Sinivaldo Tavares é conhecido por suas atividades em revistas teológicas e como organizador de *Memória e Profecia*, bem como autor de *Jesus: parábola de Deus*. A obra aqui apresentada faz parte de um conjunto de iniciação à Teologia e pretende oferecer um itinerário para o estudo de Teologia trinitária às pessoas interessadas em darem as razões de sua fé.

Dividido em quatro partes, o livro dedica as três primeiras à apresentação da Teologia trinitária a partir da Bíblia, passando pelos grandes Concílios e as principais correntes teológicas até à Idade Média. A quarta parte reflete o tema na luz de algumas questões atuais: criação-ecologia, história, Igreja e pessoa humana. Uma lista sugestiva de referências bibliográficas completa a obra.

A parte bíblica principia pelo mistério pascal, com a ressurreição de Jesus, seguida de uma leitura da paixão e prática, para falar da salvação como destino de comunhão com Deus e da implicação na história e criação. Jesus e o Espírito aparecem como portadores da dimensão trinitária para a existência cristã. Iniciando com as narrativas da ressurreição, enquanto evento no e do Filho pelo Pai e o Espírito, segue-se a leitura da paixão e morte como entrega e dom. A entrega do Filho pelo Pai é correspondida pela entrega do Filho ao Pai e à humanidade bem como a do Espírito, unidade superadora da distância entre o Pai e o Filho. Como na cruz e na ressurreição, Tavares destaca na práxis de Jesus as contribuições recentes da leitura ascendente da Cristologia segundo a qual sua existência é lida no horizonte da Trindade. Especialmente as abordagens da Cristologia pneumatológica podem ser reconhecidas na apresentação do Espírito, assim como a relação ao Pai aponta para a filiação e a paternidade no mistério divino.

A primeira parte se conclui, retomando o tradicional argumento soteriológico para a reflexão trinitária, mediante a comunhão com Deus, como síntese da salvação cristã, através da filiação adotiva no Espírito, segundo “o paradigma” de Jesus Cristo, “verdadeiro Deus e verdadeiro

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 38	n. 161	p. 405-408	set./dez. 2008
----------------	--------------	-------	--------	------------	----------------

homem”, por um lado, e o destino futuro da criação e da história a partir da ressurreição, de outro. Em fidelidade à Teologia franciscana, essa predestinação é afirmada “anterior ao pecado e, conseqüentemente, à redenção do mesmo” (cf. p. 50).

A segunda parte, correspondente às seções 5 a 8, ocupa-se da história do desenvolvimento dogmático. Merece destaque a parte introdutória, a quinta seção, em que se explicitam os pressupostos da linguagem dogmática e sua importância para a inserção na cultura grega. A descrição do debate com a tradição judaica e o pensamento filosófico, as principais fases com seus representantes ocidentais e orientais, com ênfase para os Padres capadóciolos, formam as três seções seguintes.

Segue a parte relativa aos grandes temas das formulações históricas: a unidade comunal (comunional), na expressão da *pericorese* (seção 9); a natureza e pessoa no mistério trinitário, na linha de Agostinho e Tomás de Aquino (seção 10); o amor (*summa caritas*) como realidade das Pessoas divinas (Ricardo de São Vítor e São Boaventura), culminando com Duns Scotus e Mestre Eckhart, nas seções 11 e 12, respectivamente. Toda essa parte merece ser recomendada de modo especial como roteiro de estudo para o estado atual da reflexão trinitária, na medida em que recupera a tradição do Deus-Amor e a contribuição da espiritualidade mística para a fé cristã. O significado central do conceito de pessoa, progressivamente elaborado a partir de Tertuliano, mostra sua força explicativa e se verifica no amor.

A última parte, ou seja, as seções 13 a 16, são, de fato, os corolários da fé trinitária, a partir da criação, da história, da Igreja e da pessoa humana. Embora seja ilustrativo das implicações do pensamento cristão, e outros autores também incluam partes semelhantes, não se trata de uma empresa fácil. No caso brasileiro, deve lembrar-se L. Boff, na aplicação à estrutura social. Para a América Latina, Enrique Cambón, na tentativa da aproximação econômica. Na Alemanha, Ganoczy, para as ciências, e Greshake, para as reflexões sobre a pessoa; nos Estados Unidos, McFague e La Cugna à luz da Teologia feminista; R. Panikkar, na Índia, sob o diálogo inter-religioso, entre tantos outros.

No cenário recente, pós-Vaticano II, de grande produção na área de Teologia Trinitária, esse texto representa uma contribuição significativa para estudantes e professores do Brasil. Trata-se de um programa e roteiro de Teologia Trinitária que precisa ser recomendado vivamente e cumpre em todo direito sua intenção de ser uma iniciação. Em sua estrutura histórico-salvífica, o livro se constitui numa introdução didática, que

pode ser estudado com relativa facilidade. Fiel às diretrizes da coleção, ao final de cada capítulo são colocadas algumas perguntas para refletir e indicações bibliográficas.

Por fim, alguns erros e inexatidões a serem corrigidos. Do ponto de vista teológico, não se pode falar que “Deus Pai cumpre fielmente o seu desígnio de encarnar-se” (p. 27). A Pessoa que se encarna é o Filho, como de resto fica evidente na mesma página ao falar do Pai que “entrega o próprio Filho”. Ao menos duvidosa é também a afirmação segundo a qual “o Filho se separa do Pai para experimentar a condição de ser humano pecador” (p. 29). Trata-se de uma concepção inadequada para o conjunto do livro em que o amor sofre, sim, mas não é o sofrimento buscado. Ao falar da relação à criação, em vez de dizer que “Deus, na Pessoa do Verbo encarnado, penetra no mais íntimo de uma de suas criaturas, o ser humano concreto e circunstanciado, Jesus de Nazaré” (cf. p. 209), seria melhor “torna-se ser humano (...) assumindo intimamente a criação”. Evitar-se-ia, assim, o eventual mal-entendido de uma unidade não-hipostática entre o Filho e a natureza humana. Na seção 2, relativa à irrupção de Deus na existência de Jesus, a correspondência entre *Abba* e “papaizinho” (p. 33) não confere com os estudos posteriores de J. Jeremias e muito menos das outras pesquisas do Novo Testamento. Como o próprio J. Jeremias corrigiu, é um modo familiar e filial (o termo alemão *Kind* pode ser tanto criança como filho ou filha, nas línguas latinas). *Daí pai e papai* serem traduções melhores do que *papaizinho*.

Não muito exata parece a referência a um suposto “triteísmo” e “triteístas” (cf. p. 100s). Embora se deva reconhecer a possibilidade de falar dessa maneira, dificilmente pode identificar-se uma corrente com esse erro, razão pela qual também no livro não aparecem nomes associados. Trata-se muito mais de uma acusação dirigida ao cristianismo do que uma posição historicamente verificável. Mais exato seria, então, mencioná-lo como um limite, ao invés de apresentá-lo como uma “diferença que se degenera em separação”. Aliás, o recurso ao “paradoxo”, para caracterizar a fé cristã na Trindade divina, poderia ser menos frequente a fim de evitar sua banalização. De outro lado, seria conveniente insistir na qualidade monoteísta do cristianismo, mas com sua diferença específica de unidade comunal.

Como observação geral a toda essa seção seria desejável rever a maneira de avaliar o papel da “heresia” ou dos “hereges”. Do ponto de vista do desenvolvimento dogmático, só se pode falar de “heresia” após uma profissão de fé e não no processo de seu desenvolvimento.

Sabe-se, ademais, que circunstancialmente posições identificadas como heréticas, de fato nunca foram defendidas como tais, sendo apenas usadas como contraste para afirmar a fé. O recurso precoce ao conceito de heresia e ortodoxia pode induzir à perda de dimensões integrantes da fé cristã e sua unilateralização. Em particular, nos dias de hoje, essa é uma tendência frequente até mesmo entre estudantes de Teologia.

De modo semelhante, na caracterização religiosa do nosso tempo, “o fenômeno pentecostal” (p. 216-218) mereceria ser visto em sua complexidade também como uma contribuição para a mudança do próprio cristianismo e a recuperação da pneumatologia e do Espírito Santo. É verdade que a vertente mais visível na mídia reduz a compreensão do cristianismo e deforma seu sentido maior, mas há uma realidade muito maior de um pentecostalismo saudável e necessário, como o próprio Autor dá a entender em outros lugares (cf., p. ex., p. 234-236).

Nessa mesma parte, alguns números foram maltraduzidos ou escritos (cf. p. 219). Onde está “6.200 bilhões de habitantes [...] 2.852 bilhões de pessoas [...] 1.200 bilhão”, deve ler-se “6,2 bilhões de habitantes [...] 2 bilhões e 852 milhões de pessoas [...] 1,2 bilhão.

A afirmação de que “os ateus e os existencialistas do século XX se serviam de tais situações, para justificar sua falta de fé ou seu agnosticismo” (p. 227), não distingue entre existencialistas fiéis e ateus ou agnósticos. Inexata é também a referência a Édipo que teria “cometido adultério contra a mãe” (p. 259), quando no máximo talvez se pudesse falar de incesto involuntário.

Ainda que de forma breve, deveriam mencionar-se as principais correntes teológico-trinitárias atuais (oriental, ocidental e comunal, p. ex.), a fim de ajudar o estudioso a situar-se e reconhecer-se em suas próprias posições. Para uma apresentação mais integral, poderia esperar-se também a inclusão do Primeiro Testamento na formulação do mistério divino, encaminhando, dessa maneira, a resolução da lacuna sobre o monoteísmo cristão e aprofundando a experiência religiosa de Jesus de Nazaré. Diante do método adotado, sente-se a falta e o aproveitamento de referências a estudos de Teologia Bíblica.

Os reparos e observações à obra não lhe tiram o mérito inegável de servir como introdução valiosa aos estudos de Teologia Trinitária e confirmam a qualidade teológica de seu Autor.

Érico João Hammes
PUCRS